



Semanario independente, humoristico, ilustrado e musical

Proprietario e Director: Cezar Correia — Redactores: Anacleto R. d'Oliveira, Palermo de Faria, Eusebio, Bento Mantua e João Bastos — Administrador: Xavier da Silva
 Desenhos de A. Lacerda, C. Craveiro e J. Bastos — Directores musicaes: Alfredo Mantua e Fernando Padua — Gravuras de Dumas

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de S. Lazaro, 75 2.ª — LISBOA

Numero avulso 20 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador

Officinas de impressão e composição

A LIBERAL — R. de S. Paulo, 216 — LISBOA

Condições de assignatura: Série de 15 numeros — Lisboa e provincias 300 réis. Colonias 400 réis. (Pagamento adiantado). — A cobrança pelo correio e augmentada em 100 réis. — Não se attendem os pedidos de assignatura que não fôrrem acompanhados da respectiva importância.

DIOGENES MODERNO

Aspecto politico da ultima semana



— Então de lanterna acêsa a estas horas do dia?
 — Ando á procura de um ministerio!

Brindes aos nossos assignantes e annunciantes

O assignante ou annunciante que tiver no seu jornal o numero da sorte grande da proxima loteria terá direito a um decimo para a loteria seguinte.

Aos seus assignantes e leitores
A Redacção do AZULEJOS
Deseja festas felizes



CHRONICA LIVRE

Venho duma piedosa digressão pela papelada velha. Que de recordações carinhosas! que de saudades mortas! Oh! que ninguém pense que é impossível tornar a viver a vida que se foi... Pois quem haverá que não conserve de longinquas datas o retrato duma pessoa que lhe foi extremecida, a carta mais captivante dum mestre, o anel mais loiro e mais formoso de quantos loiros e formosos adornavam a gracil cabecita da irmã que é já senhora, a fita cõr de rosa furtada com um beijo ao amor primeiro, os quadrilongos de papel já amarellecido onde se compoz a primeira quadra para o fado, onde se traçou, ainda com mão pouco firme, o pensamento-início, a phrase de partida—?!

E no retrato não estará bem nítido, bem vivo, todo um mundo de recordações e de imagens?

E na carta não reviverá aquelle tempo risonho da mocidade escolar, tam simples, tam ingenua, tam feliz quam irrequieta, buliçosa e traquinas?

E na pequenina trança loira, não se fruirá de novo a graciosidade da pequerrucha que era a alegria, o calor e a luz do lar?

E a fita cõr de rosa, esse lacinho pequeno, cuja falta foi desmanchar o bello conjuncto dum provavel enseite de vestido, não terá elle em si a revivescencia de todo o louco enthusiasmo, de toda a immensa felicidade de que está repleto o amor primeiro, o amor e estreia, o amor do collegial?

E nos boccados de papel—Oh! nesses sobretudo— não palpitará ainda aquelle desmedido orgulho com que o garoto de calção e boné á maruja julgando-se homem já e já philosopho ou já poeta pegou da pena e duma tira de papel em branco para garatujar o seu primeiro dezenho, para rabiscar a sua primeira obra poetica, para tentar o seu primeiro vôo pelas regiões mysteriosas da philosophia—?

Oh! ninguém pense que é impossível tornar a viver a vida que se foi...

Para mim é uma distração, é uma delicia revolver sem ordem nem methodo esses pequenos nadas que eu guardei como reliquias. Sentir a cada instante uma commoção e augmenta-la

ainda; ler de quando em vez uma phrase incorrecta, talvez, um pensamento hesitante, sem duvida, e fazer ainda a cada um delles um commentario... como é bom e como me recompensa do amargor da vida presente!

E surgem então os planos. Os pensamentos ham-de formar um pequeno e modesto album; depois os retratos constituiram outro mais agradável e artistico; depois os «recuerdos» e as «lembranças» teram uma caixa especial; e depois... e depois...

Ponto aqui ao devaneo... mas que ninguém pense que é impossível tornar a viver a vida que se foi!

EDMUNDO D'OLIVEIRA.



ESTUDOS DE OCCULTISMO

FACTOS ANALOGICOS

Na vida do auctor de este estudo, os acontecimentos repetem-se analogicamente todos os doze annos. A este periodo de doze annos chamaremos *cyclo analogico*; e de elle podemos dizer que marca uma phase typica da vida individual. Quando ha uma mudança de vida, é no principio do cyclo que de preferencia ella se produz. Quando pela primeira vez nos encontramos no campo onde se trava a luta pela vida, o começo da carreira conta-se como inicio do cyclo. Se encorremos na lei de reacção e perdemos o emprego ou modo de vida que possuíamos, é n'esta conjunctura que se organiza um modo de vida inteiramente novo.

Não quer isto dizer que de doze em doze annos haja rigorosamente uma mudança no genero de vida do individuo, mas quando esta mudança tem lugar, de preferencia ha de produzir-se no principio de um cyclo.

Durante este periodo de doze annos, é o individuo constantemente submettido a provações; para o obrigar a exteriorizar o amor que em si mesmo concentrara. Impõe-se-lhe cada provação sob a forma de um dilemma—o Bem e o Mal; ha porem uma epoca que esse problema lhe ha de ser proposto de uma maneira perentoria, e da resolução do qual dependerá essencialmente a sua vida futura. Se anteriormente o individuo havia resolvido satisfatoriamente os diversos problemas do Bem e do Mal que lhe haviam sido propostos, em ponto pequeno, em miniatura, seguindo o Bem e regeitando o Mal, facilmente resolve agora o problema proposto e segue

decididamente o caminho do Bem, sem custo, sem tergiversações e de boa vontade. Então por mais extravagante que nos pareça, por mais difficil que possa conceber se a sua possibilidade, vão em breve produzir se acontecimentos em virtude dos quaes obterá elle a recompensa dos seus actos, a qual começará com o inicio do novo cyclo e vac demorar-se por todo o duodenario.

Se pelo contrario o individuo escolheu voluntariamente o Mal, por lhe parecer que seria esse o meio mais seguro do obter a felicidade, para o resto da sua vida, mais tarde ou mais cedo virá o desengano, e a lei por elle violada provar-lhe-ha praticamente quão erradas eram as suas pretensões.

Ha contudo casos, como já vimos quando tratamos da lei da reacção, em que do Mal resulta o Bem, o qual fica em equilibrio instavel e o Mal no estado latente. Poderemos com toda a exactidão chamar ao primeiro—Bem provisorio; ao segundo—Mal potencial. Como exemplo tinhamos adduzido a lenda de Saturno, extrahida Mythologia. Saturno tem de reinar durante um periodo que nos parece extremamente longo, porque, em virtude do crime praticado, não pode ser destronado senão por um filho, e até que isso succeda está protegido pela acção soberana da lei.

Citaremos outros exemplos, alem dos que já referimos no nosso artigo anterior.

Um individuo sonha uma fortuna consideravel, não propriamente para si, mas com o intuito de deixar os filhos, ainda então pequenos em boas condições de fortuna. Pois bem! Passar-se hão annos, antes que a reacção possa produzir-se; e durante todo este tempo ninguém lhe poderá tirar a fortuna, nas suas mãos ha de prosperar, com grave escandalo das pessoas que têm conhecimento da sua origem, e que ignoram as vias da Providencia.

(Continúa)

CONTOS BREVES

A MENDIGA

...Pedia esmola porque as suas pobres mãos encarquilhadas já não serviam para o trabalho, porque o seu corpo, ajoujado com o peso dos annos, se inclinava para o chão, olhando a terra a quem brevemente iria servir de pasto... Luctava pela vida, apesar de quasi morta... Pedia esmola...

Era um dia lindo d'agosto e ella lá ia caminhando, pisando as pedras da calçada que, aquecidas por um sol abrasador, queimavam os seus velhos

pés descalços... Havia dois dias já, que não comia. Sua filha, uma transviada da vida que se afogara no pantano lodacento da prostituição e do crime, pedira-lhe chorando, algum dinheiro para o seu amante... Ella deralhe todas as poucas moedas de cobre que possuía...

Das familias que habitualmente a costumavam socorrer, só uma, por falta de meios, ficára na cidade. Era para a sua porta que se encaminhava. Subio a escada, bateu, esperou. Um padeiro que descia disse-lhe:—Ahi não está ninguém, tiazinha. Saiu-lhes a sorte-grande e foram hontem para fóra». Bateu então ás portas dos outros andares. Em todos lhe deram a esmola dum carinhoso «Tenha paciencia»... Saiu; foi caminhando até que se encontrou numa ruazinha deserta; sentou-se á borda do passeio e, sem forças já para lutar com a morte, entregou-se-lhe serenamente...

...Era um dia lindo d'agosto e o seu pobre corpo, jazia inerte sobre as pedras ardentes da calçada...

MARIO DE SÁ CARNEIRO

AMOR À VIDA

(Aos distinctos poetas Astrigildo Chaves e Mario de Santa Rita).

Se este mundo p'ra vós é um tormento,
Se o acháes triste, vão e maçador,
Se ao vosso torturado entendimento
Já nada faz o balsamo do amor;

Se, ao erguêrdes bem alto o pensamento,
Asfixiaes em convulsão de dór,
Se os risos vos inspiram só horror,
E de tédio morreis n'este Convento;

Se o mundo não é mais que podridão,
Se nada existe n'ell' que vos conforte,
Se tendes o remedio em vossa mão

N'um copo de veneno ou n'um punhal;
Porque não ides procurar a Morte,
Deixando em paz a dór Universal?!

MANUEL CHAGAS

Medicos...

(Para o Dr. Xavier da Silva)

—«Anda! Senta-te aqui ao pé de mim.
Porque choraste tu hontem á tarde?
Não tremas, meu Amor, não tremas... Arde,
Abraza o teu rosto de jasmim.

Tu receias talvez que eu vá soffrer
E por isso me occultas essa magoa...
Mas trahem-te os teus olhos rasos d'agua —
Livros que eu sei de cór, de tanto os lêr!

Ora diz lá a verdadinha clara:
Não foi porque o doctor fez tão má cara
D'esta maldita tosse me atacar?

Mas tu não sabes o que são doutores?!
E receitou, vê tu! para estas dores
Que só a Velha cura, ou o teu Olhar...»

Novembro, 1908.

ASTRIGILDO CHAVES.

MUSA GALHOFEIRA

Glosa

(Retardada).

Senhora dos olhos lindos
Dizei-me porque os fechaes?
Bem sabeis que são ladinos,
E bellos até de mais.
A cór é negra, bem sei,
D'esses olhos que pintei,
N'uma noite de luar,
Dentro do meu coração;
E... agora, por compaixão,
Dae-me a esmola d'um olhar.

ALGARVIA

MOTTE

Eu quero ser criminoso,
Se ter amor é um crime

Glosas

Se p'ra me qu'eres, é forçoso
Que um crime por ti commetta,
Acredita, ó Henriqueta,
«Eu quero ser criminoso!»
Por ti... assassinarei!...
Sim, matarei, ó queridinha,
Por exemplo... uma gallinha
Que contigo comerei!...
Embora me desanime
Teu sorriso desdenhoso,
Eu vou ser um criminoso,
«Se ter amor é um crime!...»

SIRCOANERA

N'este viver horroroso
Sinto meu peito estalar.
Se é crime um homem amar
Eu quero ser criminoso
Ter um idyllio amoroso
é devaneio sublime
Porque só o amor redime.
Por isso aos grandes talentos
Pergunto n'estes lamentos.
Se ter amor é um crime.

ELMINO

Se o amar é deshonoroso,
Mande o Juizo d'Instrucção,
Levar-me para a prisão;
— Eu quero ser criminoso!
Mas se no globo inditoso,
Toda a falta se ridime.
Sem que a suspeição anime,
Consulta-se a natureza,
E ella dirá, com certeza,
Se ter amor é um crime?!

A. PIROU

Motte a glosar

Lindo amor, que me matais,
Com tão grande ingratição.

Cumulos

Deitar agua no Pote das almas.

Metter n'um dedo o anel de Saturno.

Carregar uma espingarda com cartuchos
d'amendoas.

Fazer uma roda com raios de sol.

Partir um pé ao Banco de Portugal

No cemiterio...

A noite é escura e fria. Além no cemiterio
Um murmurio s'evola em tom plangente e
agreste...
E' o vento a gemer nos ramos do cypreste
E o cantico sombrio d'um passaro funéreo!

N'esse campo tristonho, inerte e solitario
Onde a morte apagou vestigios d'esta Vida,
Jaz teu corpo, mulher — materia apodre-
cida —
Um corpo que eu amei nas lides do Fadarío!

Mulher! quando nasceste, immaculada e
pura,
Foste a luz d'uma aurora immensa de Can-
dura,
O alegre despertar da flôr em seu hastil!

Porém, foste cahir na podridão do Vicio!
E nada transformaste em horrído supplicio,
Vendendo a carne impura á sociedade vil!

LX^a, 1-12-908.

MAC-ILLERNO

O meu amigo

N'este occulto sacrario, onde eu abrigo
O gelido cadaver do passado,
Tontas chyméras d'esse tempo antigo,
— Cinzas que o vento arremessou irado!

Fica-se ás vezes a fallar commigo
Esse cadaver infeliz, gelado...
Chama-me então «o seu melhor amigo»
Fico de ouvil-o, quanta vez, cançado!

Disse-lhe um dia: «Vou-me embora, vou...»
Tristemente o espectro me fitou
E respondeu-me pouco mais que isto:

Não... não supponhas que me dáes pezar,
Não tenhas medo d'este meu fallar
Porque, acredita, nem sequer existo!

MARIO DE SANTA-RITA

CURIOSIDADES

Pombos fotografos.—Comberg, farmacéutico allemão, em Neubrouner pensou em utilizar os pombos correios, em caso de guerra, com o fim de obter fotografias de praças sitiadas e fortificações inimigas.

Inventou um aparelho fotografico adaptavel ao peito da ave que não chega a pesar 70 gr. e que por meio dum mecanismo posto em movimento quando o pombo parte, permite obter trinta vistas consecutivas com intervallos de meio minuto, o que equivale á representação fotografica de 15 km.

Teem-se feito experiencias deste novo meio de exploração militar e os resultados teem sido altamente satisfatorios.

Entre outras fotografias interessantes o auctor, conseguiu obter as do parque do castello imperial do Friedrichsól, onde é terminantemente prohibida a entrada ao publico e por consequencia aos fotografos.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente:—*Maria S. G.*

Hade chegar a ocupar uma béla posição social e gosar com ventura tôdas as vantagens inerentes, isto apesar dum encontro entre Jupiter e Saturno, o que, em regra é de mau agoiro. D'esta vez porem Saturno encontra se em

parando o seu futuro sôbre alicerces de boa qualidade e, sôbre todas as coisas, desconfie sempre dos consêlhos da primeira pessoa que se lembrar de dar-lh'os. Consêlhos e copos d'agua só devem tornar-se a *frio*, quando nos não encontrarmos esquentados de espirito, ou de côrpo.

V.^a Ex.^a tem um grande defeito, do qual vae emmendar-se já, já; é a sua indiferença pêlas crianças que não são

confessar egoismo, é fazer alarde de maldade.

Como pode V.^a Ex.^a conjugar a faculdade que em si conhece de *fazêr bem, protegêr, dar*, com a repulsão que sente pelas crianças feias. Engana-se na ideia que formam dos seus proprios sentimentos; julga-se boa e é má adorna-se com a sublime virtude da Caridade e é descaravel, sêca e indifferente para aquêles que mais necessi-

Portugal pittoresco



BEJA.—Uma parte da cidade

posição favoravel, rasão pêla qual lhe dou sinceramente os parabens.

Não ha, no entretanto, béla sem *senão* e por isso lhe vou dar uns consêlhos que calarão no seu bom senso, podendo evitar-lhe alguns dissabôres.

O seu espirito é quimérico, nefelibata, arrasta-a para alem das nuvens e disto resulta que as suas decisões são tardias e raras vêzes acertadas. Irresoluta e fleumatica, preguiçosa no pensar e no actuar, perde muitas occasiões a oportinidade de se orientar no caminho da ventura, enveredando outras pêla estrada do disparate. Pese por consequencia todos os seus actos na balança do bom senso e sêja *fel* dêsse instrumento um bem orientado criterio. Não tenha pressa em adquirir o que imagina constituir a sua felicidade reprimã a ancia de desvendar o quadro da sua ventura; caminhe devagar, pre-

bélas. Vae nisso, não a sua felicidade terrêna, mas o seu bem estar no mundo de *Alem*.

Cristo, cujas qualidades devêmos têr sempre presentes, procurando imital o, a beneficio do nosso bem espirital, disse:

Deixae que venham a mim as crianças, e nêste trasbordar de sentimental piedade, quiz mostrar á Humanidade que, feias ou lindas, deformadas ou escorreitas de côrpo, inteligentes ou mentecaptas, as crianças, irresponsaveis e faltas de força fisica e d'energia moral, deviam têr sempre no individuo adulto sombra benefica e protectôra. Minha Snr.^a não ha crianças feias nem bonitas, ha pequeninos entes dignos tôdos da nossa protecção material e moral. Mimar as crianças bélas e passar junto ás desprovidas de belêza fisica como um ladrão por cofre devastado é

tem d'amôr, de carinho, de protecção.

Os animaes são, certamente, dignos da piedade humana, mas *nunca se esquecer d'afagal-os, de tratal-os* e olvidar o afago quando tem ao pé de si um ente da sua especie com quem a mãe Natureza não foi prodiga em dons de beleza... oh!

A consulente tem muito de que arrepender-se. Suponho-lhe a penitencia de amar extremosamente *tôdas* as crianças e perdoô-lhe um excesso de amor pêlas feias.

Se o não fizer, se não conseguir chegar a sua alma a apiedar-se dos desgraçadinhos, vou dizêr-lhe o que lhe acontece.

Um dia será chamada a transpôr a linha fatal que separa a vida terrêna da existencia eterna... Nas fantasticas paisagens da eternidade verá sempre

acima de si a mansão ideal onde pairam e volteiam milhares d'espíritos escolhidos; quererá alar-se até eles por os seus esforços serão infructíferos, mercê do peso da sua impiedade sobre a terra. Arrancar-se-lhe na alma um remorso acusado e pungente e por fim, reconhecida a ineficácia do seu empenho em juntar-se aos bons, rogará que lhe concedam o benefício da expiação. Deus então, sempre Píodoso e Bom mas sempre Justo, permitirá que a consulente baixe outra vez á terra e o seu espírito resurgirá neste vale de lagrimas aferrolhado e prêso num involucre feio, repelente e disforme: repudiada por todos como objeto de asco, sofrendo assim todos os pezares que ao próximo inflingiu.

—Olho por olho, dente por dente—

E a lei moral da Naturêza, não falla, hade cumprir-se eternamente como eternamente se tem cumprido e, note V.^a Ex.^a, esta lei não representa um castigo nem uma represália, pêlo contrario, é um favôr concedido aquêles que se afastam da estrada real, é a corda atirada ao naufrago prestes a afagar-se, é uma dianteira jungida ao carro da expiação. E' o Bem, contra o qual nos revoltamos, chamando-lhe Mal.

O Bem e o Mal!... Como se êles existissem!... ou... como se não fôsem uma e a mesma coisa!...

Questão de mascara, de roupa, de letreiro, d'embruho.

Pedi-me a Verdade... ah! a tem!

G. C.

DEFINIÇÕES

Inquerito: — Banho que lava ás vezes um culpado, mas que suja sempre um innocente.
Immundície: — O ideal do Realismo.

6— FOLHETIM DO "AZULEJOS,"

BASILIO JAX

ESTANISLAU SAM

(A Carteira d'um policia)

CAPITULO III

Primeiras surpresas

Curvei-me então, disposto a descer ao encontro de Sam mas, de repente uma taboa corrediça deslizando sem o menor ruido fechou, sem deixar o mais leve vestigio no parquet irreprehensivel, onde jamais ninguem poderia descobrir semelhante esconderijo. Levantei-me um pouco enfiado com aquela descortezia do soalho, d'esta vez com a certeza de que ninguem riria da minha cara aparvalhada, mas qual não foi a minha decepção quando vejo na minha frente, direito como um prumo o creado gordo e atarracado, que segurava nas mãos ambas a bandeja com o café e os charutos.

A Ideia do Sr. Trincart

(Continuação)

Tendo bebido menos do que a primeira vez, sentiam a cabeça menos lucida. A ternura ivadira os mais rapidamente. Grangemont tinha os olhos cheios de lagrimas quando veiu o asado.

III

No dia seguinte pela manhã, ao levantar, Trincart, sentiu-se muito incommodado. Mandou fazer chá. Sentia-se com febre, coitado e teve que metter-se outra vez na cama.

Era uma indigestão séria proporcional á quantidade de truffas que tinha absorvido.

Como nunca se sentira doente julgou, que estava ás portas da morte.

Tenho as goellas a arder, dizia elle muito baixinho. Que será isto? Nada uma coisa assim não é natural. A gente come truffas todos os dias sem ter vomitos. Estou doente á valer.

Houve uma solução de continuidade de no monologo.

—Jesus! Maria! Não deitem isso fóra, que, é para mostrar ao medico. Eu já tenho lido nos extractos das audiencias dos tribunaes... ou que diabo estou eu a imaginar? Estou maluco. E' lá possível, que Grangemont, um homem que me salvou a vida... Sim, é verdade, mas nessa occasião ainda elle não era meu herdeiro. Ora eu tambem não o accuso.



...e teve que metter-se outra vez na cama.

No Santo-Estevam não me fio eu tanto, lá isso não! E' um espadachim.

Um homem que não teve medo de matar o seu semelhante um duello é muito capaz de... Agora me lembro, que estive fóra com o Grangmont durante uns três minutos, nem me recordo já para quê. Santo nome de Maria! Que dores que eu tenho no estomago. Deus queira que não me tenham envenenado ambos. Mas é que eu vou denuncia-los antes de morrer. Hão de ser condemnados á morte.

Mas o mais engraçado é que Santo-Estevam e Grangemont tambem estavam doentes.

Talvez fosse por terem comido coisas que lhes não assentassem bem no estomago ou porque comessem de mais depois de seis mezes de dieta.

O que é certo é que sentiram os mesmos symptomas que o amigo.

Santo-Estevam estava abatido.

—Aqui ha o quer que é, dizia elle. Nunca estive incommodado senão desde o dia em que assignei aquelle papel fatal. E' uma coisa infame.

Grangemont, esse accusou claramente, Trincart.

—Foi elle, dizia quem propoz o tal seguro mutuo. O tratante lá tinha o seu plano. Quando penso que fomos tão estupidos que caímos na rede. Pobre Santo-Estevam! um rapaz tão bom. Para mim era um cuidado de menos porque, feitas as contas, não estou lá muito certo que Trincart tenha culpa disto tudo.

Como era de esperar, o chá e uma dieta de vinte e quatro horas restabeleceu-os a todos.

Dias depois encontraram-se os três, mas nenhum deu cavaco do que lhe tinha succedido. Chegaram ao pé uns dos outros com ares de distracção para fazerem crêr áquelle a que chamavam

Quiz dizer-lhe alguma coisa mas, aquelle semblante parado e sempre attento na posição um tanto comica em que me surpreendeu, confundiu-me a ponto de beber o café sem assucar, depois desimular que apanhava o jornal, justificando assim a situação em que viera dar commigo. Peguei n'um charuto e quando ia a pedir-lhe lume, tinha desaparecido. Resolvi então, fazer-me habituado a estas surpresas magicas que principiavam a agitar-me desagradavelmente e, voltando ao conchego da cadeira, um pouco senhor de mim principiei a ler o artigo que Sam me havia indicado.

CAPITULO IV

Historia d'um crime

O *Herald* dizia o seguinte, encimado por um titulo em typo cheio, seguido de uma interrogação mysteriosa:

O Crime da Rua 57 (E)

(?)

«Um dos nossos habeis reporters

conseguiu, apoz um trabalho insano e fatigante fornecêr-nos minuciosos detalhes acêrca d'um monstruoso crime prepretado em um dos mais elegante palacêtes d'esta cidade, crime que se acha cercado até agora do mais impenetravel mysterio.

«No n.^o 421 da rua 57 (E) morava ha mais de vinte annos o Sr. Edgard Hawthorne que hoje contava 74 annos e que, possuidor de grossos cabedades, era proprietario do referido predio.

«Hawthorne, que ha 22 annos perdêra sua espôsa, vivia desde então em companhia de sua filha Elisabeth Crawford e do marido d'esta Marius Crawford, distincto professor no Columbia College, riquissimo proprietario no Illinois e uma das mais proeminentes figuras do nosso meio scientifico.

«O velho Edgard tinha por costume apoz o chá, tomado em companhia da familia, pelas dez horas da noite, recolher ao quarto cuja janela que dava para o jardim sito nas trazeiras do palacête, se conservava religiosamente aberta até o septuagenario se metêr na cama. Uma vez no quarto chamava a criada Betsy, serventuaría quasi tão

seu assassino, quem quer que fosse, que a sua horrenda tentativa havia falhado.

Durante aquelle ando todo, como se assim tivessem convencido tacitamente, nunca se assentaram á mēsa juntos. Fizeram mais ainda, evitaram encontrar-se. Nem por isso deixaram de ter varios ataques, um de gastralgia, outro de gota e o terceiro duma cousa qualquer.

Sempre que acontecia terem de ficar de cama, Deus sabe que maravilhas lhes passava pela imaginação.

Santo-Estevam tanto observou que por fim accusava tambem Trincart. Um dia, porém, Grangemont, perguntou-lhe de repente.

—Nunca viste Paris do alto da columna Vendôme?

Santo-Estevam, tornou-se pallido com a pergunta e respondeu:

—Não, nem tenho vontade de lá subir contigo. Tenho medo que te deites della abaixo.

Estas ultimas palavras envolviam uma ironia mordaz. Grangemont estremeceu. Santo-Estevam desde esse dia, não deixou de desconfiar de Trincart, mas ficou convencido de que o outro tambem se queria vêr livre delle.

(Continúa).

Pensamentos

Os defeitos verdadeiramente terriveis são aquelles que tomam a apparencia de qualidades.

RABUSSON.

O acaso é o pseudonimo da providencia.

TEOPHILE GAUTIER.

velha como o seu patrão e que desde tempos imemoriaes estava ao serviço d'aquella familia.

Betsy fechava a janella, descalçava as botas a Hawthorne e retirava-se discretamente fechando a porta do quarto, ao mesmo tempo que pronunciava o inevitavel «Boa Noite».

Hontem á noite, como de costume, o velho Edgard levantou-se da mēsa quando no relógio batiam as dez horas, beijou a filha e o geuro saiu da sala de jantar, atravessou o corredor e desceu vagarosamente a escada que do primeiro andar conduzia ao rez-do-chão, onde era o seu quarto. Os filhos ouviram-lhe perfeitamente os passos durante alguns minutos. Momentos passados distinguiram com nitidez a voz de Hawthorne dizendo em voz forte mas soccagada:

—Betsy, podes vir.

Logo depois conheceram distinctamente os passos da velha que, da cozinha, situada tambem no rez-do-chão, se dirigia para o quarto de Edgard.

No momento porem em que os passos da velha servidôra se extinguiram, ouviram com espanto e terror dois gri-

A architectura é uma musica solidificada; a musica é uma architectura fluctuante.

MATTHÉON.

TALVEZ...

Andas tão triste Maria!
Talvez alguém que morreu...
Penas amargas d'um dia,
Lembranças... o que sei eu?

Alguma aurora fulgida
Que se enganou ao raiar,
Uma promessa esquecida...
Se é tão facil o jurar!

Algum extasi desfeito,
Entre os abraços fulgente...
Sonhos guardados no peito,
Esp'ranças mortas, sómente!

Talvez saudade dos beijos
Trocados sob o luar;
Entre sorrisos, desejos...
O rir ao longe a chorar.

Talvez descrença de tudo
Isso que sentes, talvez...
Tens quem te adore, comtudo
Linda Maria, bem vez!

Tens na familia o amôr,
Sempre a melhor das venturas;
Tens nos teus olhos fulgôr
Das noites lindas e puras!

Deixa a tristeza, formosa!
Enxuga o rosto, não chores,
Que em tuas faces de rosa
Scintilam dias melhores,

Perdôa, Maria, bem sei
Que esse segredo é só teu;
Que queres? tambem amei
Alguem que já m'esqueceu!...

Coimbra, 1908.

A. LOPES MARQUES DA CUNHA.
(Quesmar)

POSTA RESTANTE

Cordovil.—Não recebemos o seu livro; quanto aos artigos continuarão a sair num dos proximos numeros.

Sonhos

Oh fulgidas sombras de Ventura
Dos sonhos enganosos côr de rosa;
Não me desampareis, dae-me a gostosa
Illusão que meu máI em vós procura:

Retalhos de luar em noite escura:
Sonhos de casto amor! minh'alma gosa!
Pois vós mesmo mentindo mais ditosa
Tornaes a minha vida agreste e dura.

Este viver sem vós com custo aturo,
—Oh adorados sonhos sempre lindos!...
Que quando vos não tenho vos procuro.

Vinde embalar-me a vida docemente;
Sonhos de casto amor de longe vindos,
E deixae-me sonhar eternamente!...

ZE PEREIRA

Não é vaidade não!...

Tu dizes que eu versêjo por vaidade,
P'ra que me chamem vate espiroituoso;
Affirmas que sou tólo e orgulhoso
E não te comprehendo, na verdade!

Assim falas de mim! que crueldade!
Não sabes quanto sou desventuroso,
E se escrêvo p'ró mundo mentiroso
E' só p'ra entreter a mocidade...

Na guedêlha, que trago solta ao vento,
Vaidade tambem tu quizêste ver.
Onde trazes, menina, o pensamento?!

Vaidade na guedêlha! quanto és louca!
Eu se a não deito abaixo, podes crêr.
E' porque a minha massa é muito pouca!...

MANUEL CHAGAS

mal-o com beijos e caricias, não acreditando que elle estivesse morto.

Marius de pé, por traz da espôsa, contemplava o sôgro cujo peito deixara de respirar e adivinhára a terrivel verdade.

—Pae, querido pae, exclama a pobre senhora n'um tom simultaneamente afflictivo e dolente,—abre os olhos, torna a ti... sou eu, a tua filha amada... que t'ô supplica... meu Deus, não respira, o coração já não bate, oh que infeliz eu sou... meu pae... meu pobre pae... morto... assassinado!

E a desgraçada filha de Edgard soluçando amarguradamente, cahiu quasi sem sentidos sobre o côrpo de seu pae.

Marius era um espirito forte e uma natureza bondosa. Não mēnos comovente que sua mulher, viu no entanto que aquella situação não podia continuar.

(Continúa)

tos afflictivos, quasi simultaneos e apoz elles o ruido surdo d'um corpo humano cahindo pesadamente no chão.

Os esposos Crawford, prevendo uma desgraça correram immediatamente ao quarto de seu velho pae, mas, chegados á porta, recuaram aterrorisados, sem poderem articular uma palavra, tal era o horrivel espectaculo que tinham diante dos olhos.

Na cama, meio deitado, com os pés apoiados no chão e as costas sobre o leito, jazia o velho Hawthorne, em ceoulas e camisa e as botas ainda calçadas. Do lado esquerdo do peito, uma nodoa vermêlha, de sangue alastrava no peitilho, contrastando com a alvura immaculada do resto do tecido. O rosto estava extremamente pallido mas serêno e sem contração. A' porta do quarto, estendido no sobrado, o corpo da velha Betsy, inanimada, pejando a entrada do aposento.

Passado o primeiro momento d'espanto, os Crawford, saltaram sobre o côrpo de Betsy e correram a prestar soccorro a Edgard.

Elisabet lançou-se, chorando, ao péçoço de seu velho pae e tentou reani-



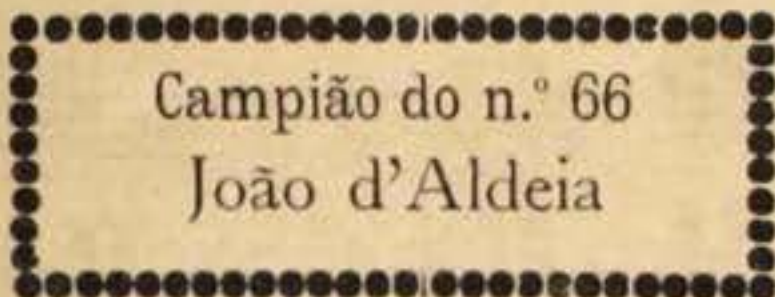
Decifrações

—Do numero 66.

1. Semipalatinsk.—2. Condecoração.—3. Papa-mel.—4. Barbara.—5. Farfalha, farfalhão.—6. Tambo, tambor.—7. Anate.—8. Nem tudo que luz é ouro.—9. Lilaz.—10. Presumido.—11. Almeirim.—12. Estarreja.

Lista dos decifradôres do n.º 66

Ziram, 9.—Zé-João, 9.—Claudio Figuras, 8.—Rei Vaz, 9.—João d'Aldeia, 12.—Mac-Illermo, 11.—Mulasco, 10.—Joane Matus, 8.



Charadas

1

Novissimas

A primeira do astro suspende o macaco—1—2—1.

AQUIQUI

2

Em volta do templo se vê o circo—2—3.

R. PASSOS

3

A gordura do gergelim é oleo de gergelim—2—1.

EL-TIO

4

Truncadas

Deixa-te estar firme com o instrumento.—3.

JORGE MARTINHO CLARO

5

Syncopadas

3—Terras portuguezas—2.

6

Augmentativa

O torno de madeira é uma ave—2.

OJUARA

7

Metamorphose

Cae quando apparece—3. (p. d.)

OJUARA

8

Biforme

O musgo é appellido—2

OJUARA

9

Logogriphos

1—2—3—4
Planta

Planta

5—6—7—8
Appellido

JÓ-FÉRA

Enygmás

10

Por iniciaes

Q C S M E
1 2 1 2 3

OJUARA

Typographicos

K K
K K

500

1900
1901
1909

PUM PUM

11

Maçadas geographicas

Formar o nome d'uma terra portugueza com as seguintes phrases:

REI BARRO

A. FRAGOSO

R. Xavier da Silva

Doenças da garganta, narz e ouv dos

CLINICA GERAL

Das 3 ás 5 e das 11 ás 12

para as classes pobres.

Rua da Palma, 133, 1.º

ANACLETO DE OLIVEIRA + + + +

♦ ♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦ ♦

Rua S. Vicente á Guia, 22, 1.º

ALBERTO FERREIRA

MEDICO-CIRURGIÃO

Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.

Consultas das 10 ás 11

Encadernação

das quatro series
do AZULEJOS

Em panno chagrin..... 600 réis
Em percalina..... 800

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, accompanhados da respectiva importancia. Para as provincias augmenta o porte do correio.



JAZIGOS DE CAPELLA

A 200\$000 reis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ



GRAVURAS

Alugam-se nesta redacção a preço modico.



JANUARIO & MOURÃO

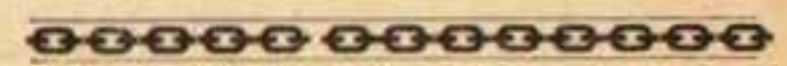
Ourivesaria e relojoaria

Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 1\$000 reis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.

Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A



GATO PRETO

R. DE S. NICOLAU (esquina da R. do Crucifixo)

Lindissimos objectos para brindes

Caracteristicos e originaes modelos em

LOUÇA DAS CALDAS

Artigos de Pintura

Tintas a oleo d'aguar ella e pastel. Vernizes, telas, pinceis, papeis e todos os artigos proprios.



Julio G. Ferreira & C.ª



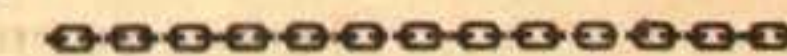
Fornecedores da Casa Real

82—RUA DA VICTORIA—88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Installações completas para agua gaz e electricidade Grande sortido de lustres em todos os generos



BOAS FESTAS

(Conclusão)

Valsa para piano, por José Coelho da Silva Araujo

The musical score is written for piano and consists of eight systems of two staves each. The notation includes treble and bass clefs, a key signature of one flat (B-flat), and a 3/4 time signature. The score features various musical notations such as notes, rests, slurs, and dynamic markings like 'f' (forte) and 'p' (piano). The piece concludes with a double bar line and the marking 'D.C.' (Da Capo). A small signature 'Araujo 1923' is visible at the bottom left of the final system.